

De Corpo e Alma



Foto: Antonio Scarpinetti

A educadora e fotógrafa Paula Cabral e seus trabalhos distribuídos nesta página: "A intenção nunca foi ilustrar o trabalho de Hilda, mas sim conversar com o trabalho dela"

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

"Avassalador." Assim a educadora e fotógrafa Paula Cabral define o encontro com o texto da escritora e poetisa brasileira Hilda Hilst durante sua pesquisa de mestrado, intitulada "Imagens da Poesia Erótica de Hilda Hilst". O diálogo com a poesia de Hilda, presente no livro *Do Desejo* (2004), resultou em produto poético-fotográfico construído a partir de divergências, convergências, fusões e confusões entre os motivos pertinentes da obra da escritora e os da leitora. "A intenção nunca foi ilustrar o trabalho de Hilda, mas sim conversar com o trabalho dela, aproximando-me de seus temas". A produção experimental dialoga diretamente com fragmentos da poesia hilstiana e com as ideias e as construções sobre o desejo apresentadas por ela no livro.

A paixão pela força das palavras da escritora fez com que Paula mudasse o foco da pesquisa, que inicialmente seria um estudo sobre a relação entre texto e fotografia, com base na obra de outra escritora brasileira. A sugestão do orientador, Joaquim Brasil Fontes, foi imprescindível para que o trabalho extrapolasse a análise e despertasse, a cada poema composto por Hilda, o desejo de produzir imagens fotográficas que dialogassem com elementos e fragmentos dessa poética. "A obra provocou um turbilhão de sentimentos." E o envolvimento foi inevitável, segundo Paula.

Ao longo do conteúdo até as reflexões finais sobre a relação entre autora e leitora, nota-se não somente o desejo de fazer poesia em fotos, mas o de fazer poesia em texto, como neste trecho da introdução: "Desejava-se o casamento entre fotos e palavras. Um casamento, entretanto, que fosse intenso, apaixonado, com direito a todos os binômios que a paixão carrega. Enfim, para que se pudesse estabelecer uma conversa entre fotografia e literatura de forma expressiva, criativa e honesta, era preciso movimento interno. Fazia-se necessário que a palavra escrita explodisse durante a leitura, no desejo de ser também imagem. O boom fazia-se necessário, o caos, a desestabilização. Ora, não se queria algo morno. Depois de conhecer o inferno, o morno torna-se muito pouco."

Paula esclarece que a pesquisa dialoga não somente com o livro, mas com a própria Hilda – seus amores, temores e dores –, porém, não é na organização poética hilstiana que a pesquisa se identifica para a produção de imagens, mas sim na desorganização. "Quando quebro seus poemas e sua lógica é que me encontro expressivamente." Segundo a autora, ao partir de fragmentos do pensamento e de sentimentos próprios da poetisa, sua poética ganha força e se constrói.

O olhar fragmentado encontrou fundamento na filosofia alemã do romantismo do primeiro período, já que os representantes dessa época defendem a fragmentação como forma de expressão poética, com foco no ser humano desorganizado diante do caos social, cultural e pessoal.

Paula permitiu-se "profanar" a escritura de Hilda. Não no sentido de desrespeitar, mas sim de apresentar suas próprias questões ao dialogar com algo que pertence ao mundo sagrado dos grandes escritores. "Giorgio Agambem define a profanação como uma situação de restituição ao uso humano de algo que antes que só pertencia ao mundo dos deuses. É nesse sentido que me senti profanando a obra de Hilda", explica Paula.

O texto de George Bataille na obra "O erotismo" (1957) ajuda a compreender a lógica que perpassa os temas do livro e a poética do desejo de Hilda, segundo Paula. A pesquisadora percebe em sua poesia um conflito e uma complementaridade entre o "erotismo dos corpos" e o "erotismo sagrado", categorias definidas pelo teórico. Essas categorias são pontos centrais na análise de Paula.

O místico e o sagrado são enfatizados nos textos do livro, que, na opinião de Paula, pode ser explicado pelas experiências pessoais e religiosas de Hilda na infância e na adolescência, ou até mesmo pela personalidade questionadora. A poética hilstiana, segundo Paula, exprime o desejo de continuidade do ser humano com o sagrado, com o outro e com o universo. Versa sobre a degradação humana a partir da passagem do tempo e sobre a morte, clamando por tal continuidade. Coloca erotismo e sagrado no mesmo lugar e cria figuras e imagens para se referir ao Divino (Tempo, Nada, entre outros). "Por muitas vezes, em entrevistas, Hilda Hilst afirmou que nunca se conformara com o fato de a morte levar a um nada e tudo o que se sentiu, se experienciou e se viveu acabar em pó. Então, é fundamentalmente na percepção de degradação do corpo, da experiência e da vida que nasce a busca-embate da poetisa com e por um Deus que a livre dos males da ausência e dos males do fim. Um Deus que se funde e se confunde com a ideia do erotismo batailliano; uma referência clara na poética de Hilda Hilst", afirma Paula.

A fotógrafa acrescenta que em algum momento de seu texto, Bataille também afirma que a poesia seria uma substituta para a experiência erótica. "Ele dizia que a poesia leva à eternidade, à morte, à continuidade. Diante disso, pode-se concluir que o sujeito poético hilstiano conseguiu perpassar todas as formas do erotismo de Bataille", explica Paula.

Se te ausentas há paredes em mim.
Friez de ruas duras
(...)
Então me amas? Te pões a perguntar.
E eu repito que há paredes, friez.
Há molimentos, e nem por isso há chama.

(Hilst, 2004:24)



A maior evidência do sagrado é encontrada no último conjunto poético do livro, "Sobre sua grande face" (1986), em que ela encerra reafirmando o foco de sua poética: [Meu negócio é com Deus]. O desejo, porém, pode não ser interpretado como uma busca por Deus. Até porque Hilda nunca se assumiu em seu eu lírico. Ainda que fosse, Paula prefere deixar claro que a procura transcende qualquer religiosidade. A busca é mais de ordem filosófica e mítica, mas perpassa dores e prazeres carnis.

Em alguns momentos, a escritora cai em outras categorias de Bataille, como o erotismo dos corações, em que o outro é tratado como parte de si mesmo. Quando parte para o erotismo sagrado nunca chega onde deseja, então se rebela e vai para o erotismo físico. Às vezes, assume o papel divino, outras, encontra o divino em seu amante humano, segundo a pesquisadora.

Hilda chama de alma o que Bataille trataria de experiência interior, o mais profundo que há no ser humano. Hilda joga com ambivalências e dualidades. Seu delírio desejante, segundo Paula, consiste na mistura da carne e do espírito, do corpo e da alma, que não se opõem, e sim complementam-se e entrelaçam-se. As construções e as figuras poéticas, porém, obedecem ao repertório cultural erudito e vasto, sendo representadas pela subjetividade e criação simbólica.

O encontro com Hilda foi capaz de mudar alguns valores de ordem literária, ao mesmo tempo em que despertou o interesse por novas linguagens. "Hilda mudou minha relação com a poesia", reforça a fotógrafa, que confessa nunca ter tido contato com um texto tão forte, denso e provocador.

A Casa do Sol, situada em Barão Geraldo, Campinas, São Paulo, perdeu sua única habitante humana em 4 de fevereiro de 2004. Por um tempo, os habitantes da chácara foram as dezenas de cães e gatos "responsáveis" por sua escolta. Local onde escreveu cerca de 40 livros, a chácara, na qual Hilda Almeida Prado Hilst viveu por 40 anos, hoje funciona como centro cultural. A Casa do Sol passou a ser seu endereço em 1966, quando vivia com o escultor Dante Casarini.

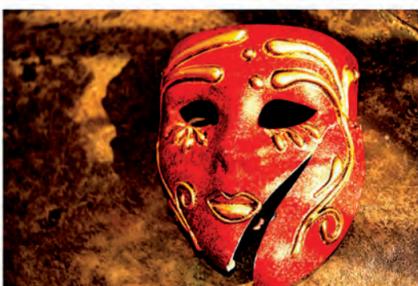
A bela mulher que despertou muitas paixões era graduada em Direito, mas sempre se dedicou à literatura, decisão que lhe rendeu o Prêmio Moinho Santista de 2002, na categoria poesia, e o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Também foi agraciada com o Prêmio Pen Club São Paulo pelo livro "Sete cantos do poeta para anjo", em 1962. "Cantares de perda e predileção" foi contemplado com os prêmios Jabuti e Casiano Ricardo.

Hilda participou, em 1982, do Programa Artista Residente da Unicamp. Em 1994, seu arquivo pessoal foi adquirido pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae) da Unicamp.

Se fez uma ferida. A mulher emergiu
Descompassada no de dentro da outra:
Uma mulher de mim nos incêndios do Nada.
Tinha o rosto de uns rios: quebradiço
E terroso. O peito carregado de ametistas.
(Hilst, 2004, p.51)



Amputado de gestos, dá-me a eloquência do Nada
(...)
Na orvalhada friez do teu deserto.
(Hilst, 2004: 89)



E me fiz máscara, mulher e conjetura.
(...)
A beber daquelas águas.
(Hilst, 2004: 33)



Dá-me a via do excesso.
O estupor.
(Hilst, 2004:89)

Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te aprendo
brusco
Inamovível, e te respiro inteiro
(Hilst, 2004, p.43)



Publicação

Dissertação: "Imagens da Poesia Erótica de Hilda Hilst"
Autoria: Paula Cabral
Orientação: Joaquim Brasil Fontes
Unidade: Faculdade de Educação (FE)